

Inclusão e Educação 2

Danielle H. A. Machado
Janaína Cazini
(Organizadoras)



 **Atena**
Editora

Ano 2019

Danielle H. A. Machado
Janaína Cazini
(Organizadoras)

Inclusão e Educação

2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

I37 Inclusão e educação 2 [recurso eletrônico] / Organizadoras Danielle H. A. Machado, Janaína Cazini. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Inclusão e Educação; v. 2)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-030-8

DOI 10.22533/at.ed.308191501

1. Educação e Estado – Brasil. 2. Educação – Aspectos sociais.
3. Educação inclusiva. 4. Língua Brasileira de Sinais. 5. Braille
(Sistema de escrita). I. Machado, Danielle H. A. II. Cazini, Janaína.
III. Série.

CDD 379.81

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “Educação e Inclusão: Desafios e oportunidades em todos as séries educacionais” aborda uma série de livros de publicação da Atena Editora, em seu II volume, com 19 capítulos, apresentam estudos sobre Pessoas Cegas, Sistema Braille, Pessoas Surdas, Sistema de LIBRAS e as novas tecnologias aplicadas na educação para estimular e auxiliar o processo de ensino e aprendizagem desse público.

A Educação Inclusiva é colocada a luz da reflexão social desde 1988 com a Constituição Federal Brasileira onde garante que a educação é um direito de todos e é dever do Estado oferecer Atendimento Educacional Especializado, preferencialmente na Rede regular de ensino. Porém, somente em 2001 com a Resolução n2 e o Parecer n9 que se evidencia como esse processo de inclusão educacional de pessoas com deficiência deve ser feito, fomentando uma comoção em todos as esferas educacionais como o currículo escolar, formação de docentes e didática de ensino.

Colaborando com essa transformação educacional, este volume II é dedicado ao público de cidadãos Brasileiros que possuem deficiência visual (cego) e deficiência auditiva (surdo) trazendo artigos que abordam: experiências do ensino e aprendizagem, no âmbito escolar, desde as séries iniciais até a o ensino universitário que obtiveram sucessos apesar dos desafios encontrados; a mediação pedagógica como força motriz de transformação educacional e a utilização de tecnologias assistivas para auxiliar o aprendizado do discente cego ou surdo.

Por fim, esperamos que este livro possa fortalecer o movimento de inclusão social, colaborando e instigando professores, pedagogos e pesquisadores a pratica da educação inclusiva ao desenvolvimento de instrumentos metodológicos, tecnológicos, educacionais que corroboram com a formação integral do cidadão.

Danielle H. A. Machado
Janaína Cazini

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A CONCEPÇÃO DOS CEGOS SOBRE O ENSINO DO SISTEMA BRAILLE NO CONTEXTO DAS NOVAS TECNOLOGIAS	
<i>Eliane Maria Dias</i>	
<i>Francileide Batista de Almeida Vieira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3081915011	
CAPÍTULO 2	13
BAIXA VISÃO E A INTERDISCIPLINARIDADE NA “AMPLIAÇÃO” DOS SABERES	
<i>Eurides Bom im de Melo</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3081915012	
CAPÍTULO 3	23
DESAFIOS E POSSIBILIDADES PARA PRÁTICAS EDUCACIONAIS INCLUSIVAS DIANTE DE ALUNOS CEGOS NA UNIVERSIDADE	
<i>Lisiê Marlene da Silveira Melo Martins</i>	
<i>Luzia Guacira dos Santos Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3081915013	
CAPÍTULO 4	34
O ENSINO DE BIOLOGIA PARA DEFICIENTES VISUAIS DO INSTITUTO DOS CEGOS DE CAMPINA GRANDE: EXPLICANDO EMBRIOLOGIA HUMANA COM A VOZ, ARGILA E AS MÃOS	
<i>Álisson Emmanuel Franco Alves</i>	
<i>Jessica Maria Florencio de Oliveira</i>	
<i>Mayla Aracelli Araujo Dantas</i>	
<i>Elizabeth de Lourdes Bronzeado Krkoska</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3081915014	
CAPÍTULO 5	46
EMPRESTA SUA VOZ? RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA INCLUSIVA NA UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI-URCA	
<i>Martha Milene Fontenelle Carvalho</i>	
<i>George Pimentel Fernandes</i>	
<i>Maria José Chaves</i>	
<i>Ana Patrícia Silveira</i>	
<i>Luiza Valdevino Lima</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3081915015	
CAPÍTULO 6	54
O OLHAR DO OUTRO SOBRE A DIFERENÇA SURDA: REPRESENTAÇÃO SOBRE OS SURDOS E A SURDEZ	
<i>Francisco Uélison da Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3081915016	
CAPÍTULO 7	65
ESCOLA BILÍNGUE PARA SURDOS	
<i>Francyllayans Karla da Silva Fernandes</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3081915017	

CAPÍTULO 8 72

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INCLUSIVAS NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO BILÍNGUE DE ESTUDANTES SURDOS DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Wilma Pastor de Andrade Sousa

Antonio Carlos Cardoso

Keyla Maria Santana da Silva

Lindilene Maria de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.3081915018

CAPÍTULO 9 80

EDUCAÇÃO INCLUSIVA: UM ESTUDO SOBRE A AVALIAÇÃO DE ESTUDANTES SURDOS NA ESCOLA REGULAR

Vanessa Nicolau Freitas dos Santos

Andreza Cristina Santos de Araújo

DOI 10.22533/at.ed.3081915019

CAPÍTULO 10 90

A EDUCAÇÃO DE SURDOS NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO NO MUNICÍPIO DE ABAETETUBA: AVANÇOS E DESAFIOS

Giovana Parente Negrão

Allan Rocha Damasceno

DOI 10.22533/at.ed.30819150110

CAPÍTULO 11 104

O INTÉRPRETE DE LIBRAS NO SISTEMA EDUCACIONAL DE TERESINA – PIAUÍ

Ana Cristina de Assunção Xavier Ferreira

Camélia Sheila Soares Borges Araújo

DOI 10.22533/at.ed.30819150111

CAPÍTULO 12 119

O ENSINO HÍBRIDO COMO ALTERNATIVA PARA A EDUCAÇÃO INCLUSIVA DE SURDOS

Rejane do Nascimento da Silva

DOI 10.22533/at.ed.30819150112

CAPÍTULO 13 125

A CONTAÇÃO, OS OUVINTES E O ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO: INTERFACES DE UM ENSAIO INCLUSIVO

Martha Milene Fontenelle Carvalho

Francileide Batista de Almeida Vieira

DOI 10.22533/at.ed.30819150113

CAPÍTULO 14 134

FERRAMENTAS DE INCLUSÃO PARA O ENSINO DE QUÍMICA: DESENVOLVIMENTO DE DIAGRAMAS DE DISTRIBUIÇÃO ELETRÔNICA PARA ALUNOS CEGOS E SURDOS

Laís Perpetuo Perovano

Amanda Bobbio Pontara

Ana Nery Furlan Mendes

DOI 10.22533/at.ed.30819150114

CAPÍTULO 15 145

A INCLUSÃO DO ALUNO SURDO NO ENSINO REGULAR: O QUE DIZEM OS PROFESSORES

Ana Claudia Tenor

DOI 10.22533/at.ed.30819150115

CAPÍTULO 16 157

TECNOLOGIAS DIGITAIS COMO FERRAMENTA EDUCACIONAL NO PROCESSO DE INCLUSÃO SOCIAL DE PESSOAS COM NECESSIDADES ESPECIAIS

Márcia Verônica Costa Miranda

Ruan dos Santos Silva

DOI 10.22533/at.ed.30819150116

CAPÍTULO 17 169

TECNOLOGIA ASSISTIVA E PESSOAS COM DEFICIÊNCIA: CONSTRUINDO UMA EDUCAÇÃO SUPERIOR INCLUSIVA

Josenilde Oliveira Pereira

Thelma Helena Costa Chahini

DOI 10.22533/at.ed.30819150117

CAPÍTULO 18 180

LÍNGUA DE SINAIS E IMPLANTE COCLEAR: O PONTO DE VISTA DE PESQUISADORES

Ana Cláudia Tenor

DOI 10.22533/at.ed.30819150118

CAPÍTULO 19 188

EDUCAÇÃO SOMÁTICA COMO PERSPECTIVA INCLUSIVA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Fábio Soares da Costa

Janete de Páscoa Rodrigues

Ana Carolina Brandão Verissimo

Andreia Mendes dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.30819150119

SOBRE AS ORGANIZADORAS 203

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INCLUSIVAS NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO BILÍNGUE DE ESTUDANTES SURDOS DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Wilma Pastor de Andrade Sousa

UFPE/RECIFE-PE

Antonio Carlos Cardoso

UFPE/RECIFE-PE

Keyla Maria Santana da Silva

IFPE/VITÓRIA DE SANTO ANTÃO/PE

Lindilene Maria de Oliveira

UFPE/RECIFE-PE

RESUMO: A inclusão do estudante surdo em sala de aula comum do ensino regular foi questionada nos últimos anos, principalmente, em função dos constantes desempenhos negativos apresentados por eles. Diante disso, a educação de surdos tem sido amplamente discutida, sobretudo quando se trata de assegurar a esse público uma educação bilíngue. Para que o professor desenvolva práticas pedagógicas inclusivas que possibilitem o acesso e a permanência desses estudantes na escola, bem como uma aprendizagem significativa, é necessário considerar as especificidades linguísticas do estudante surdo, independente do nível escolar que ele se encontre. Assim, O objetivo deste estudo é investigar as práticas pedagógicas inclusivas utilizadas no processo de alfabetização e letramento de estudantes surdos no contexto da educação bilíngue. A pesquisa foi realizada em

duas salas regulares bilíngues para estudantes surdos da rede municipal de ensino da cidade do Recife. Participaram deste estudo professores e estudantes surdos. A coleta de dados ocorreu mediante dois momentos: o primeiro por meio de uma entrevista semiestruturada; o segundo, por meio de quatro observações feitas em dias diferentes. Os dados foram analisados de acordo com a proposta de análise de conteúdos de Bardin. Os resultados revelaram que as práticas pedagógicas dos professores das salas observadas estão alinhadas aos princípios da educação bilíngue, na qual o estudante surdo tem a garantia de um ensino acessível, considerando as suas especificidades linguísticas e tendo como língua de instrução a língua de sinais.

PALAVRAS-CHAVE: Práticas Pedagógicas. Educação Bilíngue. Estudantes Surdos.

ABSTRACT: The inclusion of the deaf student in a regular classroom was questioned in recent years, mainly due to the constant negative performances presented by them. In view of this, the education of the deaf has been widely discussed, especially when it comes to assuring this audience a bilingual education. In order for the teacher to develop inclusive pedagogical practices that allow the access and permanence of these students in school, as well as meaningful learning, it is necessary to

consider the linguistic specificities of the deaf student, independent of the school level that he is. Thus, the objective of this study is to investigate the inclusive pedagogical practices used in the process of literacy and literacy of deaf students in the context of bilingual education. The research was carried out in two regular bilingual rooms for deaf students of the municipal teaching network of the city of Recife. Teachers and deaf students participated in this study. Data collection took place through two moments: the first through a semi-structured interview; the second through four observations made on different days. The data are analyzed according to the proposed content analysis of Bardin. The results showed that the pedagogical practices of the teachers of the rooms observed are in line with the principles of bilingual education, in which the deaf student is guaranteed an accessible teaching, considering their linguistic specificities and having as their language of instruction the sign language.

KEYWORDS: Pedagogical Practices. Bilingual Education. Deaf students.

1 | INTRODUÇÃO

Profissionais de diversas áreas, tais como a da Linguística, a da Psicologia e a da Educação vêm refletindo nos últimos anos sobre a melhor estratégia para proporcionar ao estudante surdo uma aprendizagem significativa. Entretanto, essa garantia perpassa por práticas pedagógicas inclusivas que possibilitem o acesso e a permanência desses estudantes no espaço escolar. Para isso, é necessário considerar as especificidades linguísticas e culturais do estudante surdo desde o início da sua escolaridade.

É importante ressaltar que o discurso da inclusão escolar não se limita apenas à inserção do indivíduo na escola. Segundo Sasaki (1997) e Werneck (2000), a inclusão significa a inserção total e incondicional do indivíduo, entretanto, para que isso aconteça é crucial que a escola busque meios de atender as necessidades de cada estudante, respeitando as suas peculiaridades. Afinal, a escola não tem a responsabilidade apenas de receber o estudante, mas, principalmente, de garantir a sua permanência, proporcionando-lhe um ensino de qualidade, conforme consta na Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.

É comum a escola fazer um trabalho de socialização com o estudante surdo no momento do seu ingresso, sendo natural a ocorrência de dificuldades, sobretudo quando esse acesso se dá nos anos iniciais do ensino fundamental, em especial no processo de alfabetização, conforme relatos de professores e familiares.

A alfabetização geralmente é considerada uma fase complexa na trajetória escolar das crianças de modo geral, sendo ainda mais evidenciada no caso das crianças surdas. Um dos motivos dessa complexidade, frequentemente apresentados, tem sido o desconhecimento da Língua Brasileira de Sinais- Libras, por parte da sociedade. A maioria dos professores ainda não domina a Libras e, com isso, torna-se difícil o processo de ensino-aprendizagem dos estudantes surdos, pois faz com que eles não tenham acesso a um conhecimento eficiente, pautado em sua língua, o qual é direito

assegurado pelo Decreto nº. 5.626/05.

Ao falar sobre a importância da língua de sinais para a criança surda no aprendizado da Língua Portuguesa como segunda língua, Fernandes (2006, p. 14) afirma que “sem a sua mediação, os alunos não poderão compreender as relações textuais na segunda língua, já que necessitam perceber o que é igual e o que é diferente entre sua primeira língua e a língua que estão aprendendo.”.

Nessa direção, é fundamental que a criança surda adquira a Libras antes de iniciar o processo de alfabetização, para que ela possa identificar as diferenças entre a sua língua e a Língua Portuguesa escrita e comece a estabelecer formas de compreensão, por meio de estratégias criadas pelos próprios professores, na tentativa de fazer com que ela reconheça tais diferenças. Devido ao impedimento auditivo, a criança surda não faz a relação grafema/fonema de forma natural como a criança ouvinte. Com isso, novos procedimentos e estratégias didáticas devem ser adotados na alfabetização dessas crianças.

Segundo Quadros (2008), a criança surda estabelece visualmente as relações de significação com a escrita. Ela busca na língua de sinais o sentido que a levará a entender a escrita em Língua Portuguesa, mas para isso é importante que o seu direito seja respeitado, a saber, o de ter acesso à língua de sinais como primeira língua (L1), e de aprender a Língua Portuguesa como segunda língua (L2). Além disso, “os surdos querem aprender na língua de sinais, ou seja, a língua de sinais é a privilegiada como língua de instrução” (QUADROS, 2005, p. 30).

O Decreto que institui as salas regulares para estudantes surdos na Rede Municipal de Ensino do Recife, nº 28.587 de 11/02/2015, traz em seu texto:

Art. 2º Nas salas regulares bilíngues para surdos serão ofertados a Língua Brasileira de Sinais - Libras, como primeira língua, e o idioma português, como segunda língua, na perspectiva da educação bilíngue.

§ 1º A Libras será considerada como meio de comunicação e de instrução e entendida como componente curricular que possibilite aos surdos o acesso ao conhecimento, à ampliação do uso social dos sinais nos diferentes contextos e à reflexão sobre o funcionamento da língua e da linguagem em seus diferentes usos.

É importante ressaltar que esse documento condiz com os princípios que norteiam a educação bilíngue para estudantes surdos contemplados na Meta 4.7 do Plano Nacional de Educação – PNE 2014/2020.

Assim, o interesse por essa temática surgiu pela vontade de conhecer quais os caminhos encontrados pelos professores de estudantes surdos para facilitar o processo educacional desses sujeitos.

Diante disso, surgiram os seguintes questionamentos: será que os professores têm clareza das especificidades linguísticas dos estudantes surdos? A língua de sinais tem sido usada como língua de instrução ou como estratégia metodológica? Que estratégias os professores utilizam no processo de alfabetização e letramento dos

estudantes surdos?

Este estudo tem como objetivo principal investigar as práticas pedagógicas inclusivas utilizadas no processo de alfabetização e letramento de estudantes surdos no contexto da educação bilíngue. Como objetivos específicos, temos: a) observar e registrar como tem sido o uso da língua de sinais em sala de aula; b) identificar as estratégias utilizadas na alfabetização e letramento de crianças surdas.

2 | METODOLOGIA

Este estudo foi realizado em 02 (duas) salas regulares bilíngues para Surdos, de 02 (duas) escolas públicas da rede municipal de ensino, da cidade de Recife, as quais serão apresentadas nos resultados com S1 e S2. Participaram desta pesquisa 02 (duas) professoras ouvintes bilíngues e seus respectivos estudantes, todos surdos filhos de pais ouvintes, matriculados nos anos iniciais do ensino fundamental. Por questões éticas, as professoras participantes serão chamadas de P1 e P2, respectivamente, preservando-se as suas identidades.

As participantes da pesquisa foram selecionadas, tendo como critério de inclusão ser professor efetivo de salas bilíngues para Surdos, da rede municipal do Recife, que ensinam em turmas dos anos iniciais do ensino fundamental, e como critério de exclusão os professores substitutos e os que não trabalham com salas bilíngues para Surdos, pois não se enquadram no foco deste estudo.

Os dados da pesquisa foram coletados em dois momentos: o primeiro por meio de entrevista semiestruturada, no local de trabalho das participantes, no horário do intervalo; o segundo por meio de observações das práticas pedagógicas, em dias diferentes, durante todo o turno de aula.

Para viabilizar as observações, organizamos previamente um quadro com ações pedagógicas propiciadoras de inclusão, tendo como foco o estudante surdo no contexto da educação bilíngue.

Com base nos dados coletados, tendo como suporte os objetivos propostos e os resultados obtidos, elaboramos categorias de análise para garantir o tratamento dos dados, as quais foram baseadas na perspectiva da análise de conteúdo orientadas por Bardin (2004).

3 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apresentaremos a seguir os resultados e discussão da entrevista semiestruturada feita com os participantes deste estudo, bem como as observações realizadas durante as aulas. Para isso, organizamos os resultados da entrevista em categorizações, sendo elas: 1) estratégias didático-metodológicas usadas na alfabetização e letramento do

estudante surdo; 2) práticas pedagógicas usadas na alfabetização do estudante surdo.

Para se ter uma maior clareza em relação aos dados, as respostas das participantes serão apresentadas em itálico nos extratos de fala a serem discutidos na análise. Em relação aos resultados das observações, estes serão apresentados em um quadro. Esclarecemos que a S1 tem como docente P1 e a S2 tem como docente P2.

Estratégias didático-metodológicas usadas na alfabetização e letramento do estudante surdo.

P1 Hoje, devido ao pouco conhecimento de Libras que meu aluno tem, as principais estratégias que utilizo são as imagens e os materiais concretos (objetos, brinquedos, livros, etc.), como também muitos jogos pedagógicos.

P2 Recursos visuais e, quando possível, materiais concretos.

Constatamos que **P1** e **P2** fazem uso de uma estratégia didático-metodológica que é essencial na educação do estudante surdo (referimo-nos a utilização de recursos visuais). O uso de imagens e de materiais concretos tem sido apontado por autores como Quadros (2008), por exemplo, como uma estratégia facilitadora para o acesso da informação para o estudante surdo. Logo, ambas as participantes demonstram ter conhecimento da necessidade de buscar uma forma acessível para facilitar a aprendizagem dos estudantes surdos, ao invés de se prenderem às estratégias usadas com estudantes ouvintes que são, na sua maioria, pautadas no som.

Além desse aspecto destacado, chamamos a atenção para a fala de **P1** quando justifica a estratégia utilizada, dizendo: “...devido ao pouco conhecimento de Libras que meu aluno tem..”. Isso reflete que **P1** conhece o perfil dos seus estudantes, bem como sabe que a maioria chega a escola com pouco conhecimento da Libras, em função de serem filhos de pais ouvintes, e que, em geral, só têm acesso a Libras quando ingressam na escola e passam a ter contato com outros surdos ou com professores bilíngues.

Práticas pedagógicas usadas na alfabetização do estudante surdo.

P1 Hoje utilizo muitos jogos (memória, dominó, caça ao tesouro) para ensinar os sinais em Libras, como também muitas imagens e vídeos com interpretação em língua de sinais. A partir disso, trabalho a questão da alfabetização com palavras pequenas de temas específicos. Da chegada dos estudantes até a saída utilizo a Libras, independente do nível de conhecimento deles. Como também, estimulo a comunidade escolar (funcionários, estudantes, gestor e professores) a se comunicarem em Libras com o estudante surdo.

P2 Faço o possível para que eles me compreendam, mas sinto falta de um direcionamento.

É evidente na resposta de **P1**, se comparada a de **P2**, que ela conhece a realidade e as especificidades do estudante surdo. Chama a atenção o fato de **P1**

dizer: “Hoje utilizo muitos jogos (memória, dominó, caça ao tesouro) para ensinar os sinais em Libras”, isso mostra que ela sabe o caminho por onde começar, ou seja, tem a consciência da necessidade de o estudante surdo, que se encontra nos anos iniciais do ensino fundamental, ter a Libras como primeira língua para depois aprender a Língua Portuguesa como segunda, conforme orienta Fernandes (2006). De acordo com a resposta de **P1**, ela utiliza estratégias por meio da ludicidade, jogos diversificados.

Na resposta de **P2**, fica evidente a dificuldade dela em trabalhar com estudantes surdos, quando diz “faço o possível...”. **P2** acrescenta ainda: “... sinto falta de um direcionamento.” Essa é a realidade de muitos professores que se encontram hoje em sala de aula com estudantes surdos. Esse dado aponta para a necessidade urgente de os governantes proporcionarem formação continuada para esses professores, com foco na educação bilíngue para estudantes surdo, objetivando a redução, doravante, dos prejuízos que esses estudantes sofreram ao longo da história, tendo em vista já se ter legalmente assegurado uma educação bilíngue conforme o Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005.

No quadro a seguir descreveremos o que se foi observado nas quatro (04) visitas realizadas nas salas regulares bilíngues para Surdos, de modo a analisarmos as práticas pedagógicas inclusivas do estudante surdo.

OBSERVAÇÕES	Primeiro dia		Segundo dia		Terceiro dia		Quarto dia	
	S1	S2	S1	S2	S1	S2	S1	S2
Utiliza recursos visuais	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Organização da sala em “U” ou meia lua	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Utiliza laboratório de informática para aula de língua portuguesa	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não
Utiliza imagens e os sinais em Libras para ensinar palavras em língua portuguesa	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Faz uso de teatro durante as aulas	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não
Faz uso da Libras como língua de instrução	Sim	Sim	Sim	Não	Sim	Sim	Sim	Sim
Faz contação de histórias em Libras	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim

Quadro 1 - Síntese das observações feitas nas salas regulares bilíngues para Surdos.

Conforme registramos nas observações feitas em sala de aula, as docentes das duas salas (P1 e P2) utilizaram recursos visuais, o que corrobora com o que elas relataram ao serem entrevistadas. Alguns dos recursos utilizados foram: alfabeto manual da Libras e alfabeto da língua portuguesa, cartazes com os nomes dos estudantes, figuras relacionadas ao vocabulário a ser trabalhado, como frutas, animais, dentre outros.

Apesar de não ter sido observado o uso do laboratório de informática para aula de língua portuguesa, estratégia que consideramos importante, já que o trabalho com

o computador poderá proporcionar o uso da escrita da língua portuguesa de forma lúdica, houve um cuidado com a organização das salas em “U”, considerando que a Libras é espaço-visual, conforme defende Quadros (2005).

Além disso, ressaltamos a estratégia de utilização de imagens e sinais em Libras para ensinar palavras em língua portuguesa, bem como o uso da Libras como língua de instrução. Esses dados mostram que **P1** e **P2**, estão seguindo as orientações constantes no Decreto nº 28.587, de fevereiro de 2015.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste estudo, que tem como objetivo central investigar as práticas pedagógicas inclusivas utilizadas no processo de alfabetização e letramento de estudantes surdos no contexto da educação bilíngue, constatamos que, de modo geral, as salas regulares bilíngues para Surdos observadas, S1 e S2, apresentaram-se bem estruturadas e com profissionais que fazem uso da língua de sinais como língua de instrução.

Esse resultado aponta para uma proposta de ensino cujas práticas pedagógicas são inclusivas, na medida que as participantes não apenas consideram as especificidades dos estudantes surdos, como também proporcionam o acesso ao conhecimento por meio de uma língua que lhes é naturalmente adquirida, no caso do Brasil, a Libras. Entretanto, em relação às práticas pedagógicas usadas na alfabetização do estudante surdo, temos na fala de P2 a necessidade de investimento em formação continuada nessa área, quando ela relata sentir falta de um direcionamento.

Apesar de P1 e P2 serem professoras bilíngues, este estudo revela que o fato de o professor ser fluente em Libras não garante ao estudante surdo uma educação de qualidade. Embora a fluência na Libras, por parte do professor, seja fundamental, existem outros fatores que interferem e são igualmente importantes.

Dentre as diversas estratégias identificadas na atuação de P1 e P2 na alfabetização e letramento de crianças surdas, destacamos a utilização de imagens e os sinais em Libras para ensinar palavras em língua portuguesa e a contação de histórias em Libras. Essas estratégias, além de possibilitarem conhecimento de mundo, poderão auxiliar como recurso na aprendizagem da língua portuguesa, já que o professor poderá trabalhar a língua em diferentes contextos de uso por meio, principalmente, da contação de histórias.

Por fim, os resultados revelaram que, em geral, as práticas pedagógicas dos professores das salas observadas estão alinhadas aos princípios da educação bilíngue, na qual o estudante surdo tem a garantia de um ensino acessível, considerando as suas especificidades linguísticas e tendo como língua de instrução a língua de sinais.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 3ª. Ed. Lisboa-Portugal, 2004.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Presidência da República. Casa Civil, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em 30 ago. 2016.

_____. **Decreto nº 5.626**, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato20042006/2005/Decreto/D5626.htm. Acesso em 29 ago. 2016.

QUADROS, Ronice Muller. O bi do bilinguismo na educação de surdos. In: **Surdez e bilinguismo**. 1.ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2005, v.1, p.26-36;

_____. **O contexto escolar do aluno surdo e o papel das línguas**. 2008. Disponível em: <<http://www.ebah.com.br/content/ABAAABOmIAD/texto65-contexto-escolar-surdo-ronic> > Acesso em 04 de set. 2016.

_____. **Lei nº 13.005**, de 25 de junho de 2014. Plano Nacional de Educação 2014-2024. Ministério da Educação. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2014. 860p. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm. Acesso em 29 ago. 2016.

RECIFE. **Decreto nº 28.587**, de fevereiro de 2015. Institui as salas regulares bilíngues para surdos na Rede Municipal de Ensino do Recife. Disponível em: <http://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=281221>. Acesso em 25 ago. 2016.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão**. Construindo uma sociedade para todos. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

WERNECK, Claudia. **Ninguém mais vai ser bonzinho na sociedade inclusiva**. 2. ed. Rio de Janeiro: WVA, 2000.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-030-8



9 788572 470308